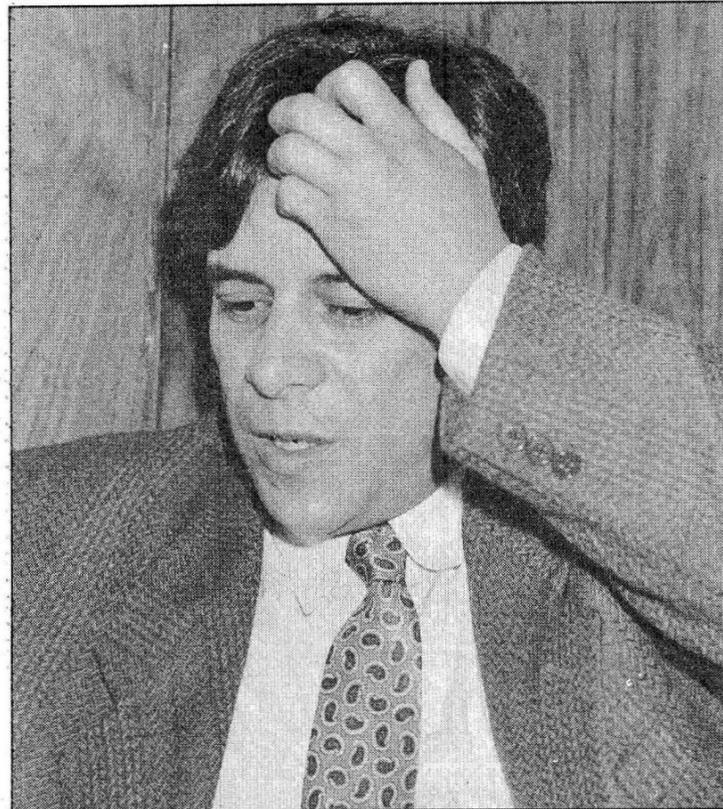


Começa disputa pela Secretaria de Cultura

RONALDO DE OLIVEIRA



Fernando Lemos deixa a Secretaria de Cultura e abre a sucessão

Fernando Lemos sai este mês, não indica ninguém, mas arrisca palpites para o cargo

Foi dada a largada para a sucessão de Fernando Lemos na Secretaria de Esportes e Cultura do DF. Depois de ter anunciado sua saída do governo para setembro e depois para dezembro do ano passado, Lemos declarou ao **CORREIO BRAZILIENSE** que deixa o cargo ainda este mês.

E, mesmo sem ter indicado qualquer nome para sua vaga — e nem pretender fazê-lo — o atual secretário arrisca alguns palpites sobre quem poderia substituí-lo nestes poucos meses que restam até o final do mandato do governador Joaquim Roriz: Maria Luiza Dornas, atual diretora-executiva da Fundação Cultural; Gedeon Campello, secretário-adjunto de Cultura; Tetê Catalão, assessor especial da secretaria e gestor do Espaço Cultural da 508 Sul; César Baiocchi, ex-presidente do Conselho de Cultura do DF; Geraldo Vieira Filho, assessor de Comunicação Social do Ministério da Cultura; B. de Paiva, presidente da Fundação Brasileira do Teatro e representante em Brasília do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura; e Reynal-

do Jardim, ex-diretor da Fundação Cultural e atual assessor do MinC.

“É claro que, quando você sai de um cargo, não tem o direito, e nem pode ter a pretensão, de indicar seu sucessor. Mas todas essas pessoas podem desenvolver um bom trabalho na secretaria, pois estão ligadas ao projeto desenvolvido até agora”, diz Lemos. O secretário garante que, até o momento, o governador não chegou a pedir nenhuma indicação sua. “Não conversamos sobre isso, mesmo porque o próprio governador ainda não decidiu se vai ou não se desincompatibilizar para concorrer nas próximas eleições. Caso ele saia, até 2 de abril, meu sucessor deverá ser indicado por Márcia Kubitschek”, lembra.

Lemos só não saiu antes do governo por “lealdade e solidariedade” a Joaquim Roriz. Agora, para quem especula sobre seu futuro político, ele manda um recado: “Não sou candidato a nada, não me filiei a nenhum partido e também não vou coordenar nenhuma campanha eleitoral. Pretendo voltar a ser jornalista, que é o meu trabalho”. Mas ele não adianta nada sobre seu futuro profissional: “Recebi algumas propostas, mas ainda não me decidi”.

Pendência — Antes de deixar a Secretaria de Cultura, no entanto, Fernando Lemos pretende encaminhar soluções pa-

ra alguns dos principais problemas da pasta — que não são poucos. Um dos mais insistentes é a reforma do Teatro da Praça, em Taguatinga, que segundo projeto da secretaria deve ser transformado num moderno centro cultural. “Quero deixar definido o edital para a reforma”, garante. O teatro de Sobradinho e a Sala Funarte, fechados por falta de condições físicas de abrigar programação, também estão nos planos do secretário, mas tudo indica que nada poderá ser feito pela sua reativação em tão pouco tempo, tendo em vista que o problema está à espera de solução há cerca de dois anos.

Entre as prioridades máximas de Lemos estão algumas definições pelas quais a comunidade artística brasileira anseia profundamente. A primeira delas diz respeito à Lei de Incentivo à Cultura, regulamentada há mais de um ano mas ainda não colocada em funcionamento. “Depois do Carnaval farei uma reunião com o secretário da Fazenda, Everardo Maciel, e os autores da lei, deputados Geraldo Magela e Maurílio Silva, para discutirmos alternativas à sua aplicação”, adianta. Outra questão é definir, junto à Fundação Mokiti Okada, a continuidade das obras no Espaço Cultural da 508 Sul, reativado no ano passado em condições precárias.

Mas o grande desafio de Fernando Lemos será deixar o Pólo de Cinema e Vídeo do DF — um dos investimentos considerados como “menina dos olhos” do governo Roriz, ao lado do metrô — em dia com suas obrigações junto aos cineastas. “Preciso resolver algumas pendências do pólo, repassar os recursos que ainda não foram repassados aos cineastas contemplados no primeiro edital de produção”, diz. Quanto ao prometido segundo edital, Lemos adianta que para ele não haverá recursos suficientes. “Vamos utilizar os poucos recursos que sobraram para equipar o pólo e lançar um edital para co-produção sob a forma de empréstimo de equipamentos e infra-estrutura”.

Para deixar a Secretaria de Cultura em condições de ser administrada pelo seu sucessor, no entanto, Lemos tem contra si pelo menos dois fatores: a escassez do próprio tempo — pouco mais de duas semanas para resolver problemas há anos na pauta de prioridades — e a falta de prestígio político da pasta, que nos últimos meses não vem merecendo nenhuma atenção do núcleo de poder do GDF.

■ Anamaria Rossi

■ O que dizem os “candidatos”

O primeiro nome cogitado, ainda no final do ano passado, para substituir Fernando Lemos foi o do então presidente do Conselho de Cultura do DF, o médico e empresário César Baiocchi. Na época Baiocchi chegou a reunir-se com Tetê Catalão e Geraldo Vieira Filho pensando em delinear o núcleo básico de sua equipe. “Fizemos duas ou três reuniões, nas quais discutimos projetos para a cultura”, conta Geraldinho Vieira, sem falar em articulação política. Para Baiocchi, as reuniões fizeram parte de um processo “natural”, já que ele era presidente do Conselho de Cultura. Dois meses depois, o empresário diz que se sentiria “muito honrado” caso fosse indicado para a Secretaria, mas garante que não tem posição definida sobre o assunto.

“Eu nem sabia que Fernando Lemos iria mesmo deixar o governo. Acabo de chegar de viagem e estou totalmente desinformado sobre isso”, afirma, ressaltando que seu engajamento não é com o governo, mas com a política cultural. “Não sou candidato a nada, me sinto à vontade para dizer sim ou não ao que me agrada ou desagrada. Não tenho condições de garantir, como antecipação de resultados, se posso ou não viabilizar o Plano de Ações da Secretaria. Estou em igualdade de condições com qualquer outra pessoa que milite na cultura para tentar, mas não me atrevo a falar em resultados”.

O jornalista Geraldinho Vieira afirma — como todos os outros considerados aptos ao cargo pelo secretário Fernando Lemos — que não recebeu nenhum convite oficial. “Sempre fui um colaborador da pasta, mas nunca um político”. Ele não chega a apostar em nenhum dos nomes (“todos estão em condições de tocar a Secretaria”), mas acredita que a diretora-executiva da Fundação Cultural, Luíza Dornas, seja fundamental na nova equipe. “Ela sempre vestiu a camisa da Cultura, independente dos governos que integrou”.

Enquanto isso, Luíza diz que a única

coisa certa é a sua vontade de terminar o mandato à frente da Fundação Cultural. “Não vou me candidatar à Câmara Legislativa e também não quero assumir a Secretaria”, diz. “Será uma tarefa complicada para qualquer pessoa administrar por tão pouco tempo, com orçamento curto e sem condições de criar nada”. A diretora da Fundação Cultural, que é o braço executivo da SEC, prefere não arriscar palpites sobre a sucessão: “Vamos aguardar os acontecimentos”.

Tetê Catalão, gestor do Espaço Cultural da 508 Sul, também quer ficar onde está. “Já fui sondado sobre a minha disposição de ficar na 508 Sul, que tem um projeto tão amplo quanto o de uma secretaria, e estou totalmente disposto a continuar esse trabalho. Só desejo que não queiram me tirar de lá”, arrisca.

Um dos mais entusiasmados com a possibilidade de ocupar o cargo, ainda que em determinadas condições, parece ser o professor B. de Paiva. “Tenho competência e história de vida até para ser ministro da Cultura. Mas para aceitar um compromisso como esse, nas condições em que a política cultural se encontra, só depois de muita reflexão”, afirma. Essa reflexão, segundo ele, seria guiada tanto pela afirmação de sua representatividade pela comunidade cultural quanto pelas condições políticas e financeiras que lhe fossem oferecidas pelo governo. “Não quero ficar só aparecendo em coquetéis. Não preciso disso para ficar famoso. O que tinha que ficar, já fiquei, por tudo o que fiz na vida”, argumenta, lembrando que foi o fundador da primeira Secretaria de Cultura do País, em 1967, no Ceará.

Mas B. de Paiva diz não possuir “estofamento político” para ser secretário de Cultura. “A degradação política desse País me deixa numa posição difícil. O Brasil só dá certo nas ditaduras e isso é motivo de grande conflito para mim”. Se depender do voto de B. de Paiva, César Baiocchi será o novo secretário: “Deus queira que



Luíza Dornas

B. de Paiva

Geraldinho Vieira

arrumar a casa, ouvindo todas as tendências da comunidade cultural. E aplainar o terreno para o próximo governo será um *tour-de-force*. Sua experiência à frente do Conselho de Cultura lhe diz que é preciso “equalizar os diversos interesses para que o governo possa colocar em prática seu Plano de Ação”.

As prioridades do sucessor de Lemos, segundo B. de Paiva, devem ser as definições em torno dos Conselhos de Cultura e Deliberativo (da Fundação Cultural) e da Lei de Incentivo à Cultura. “É preciso dizer francamente o que vai ser dessa lei”. Além disso, ele resalta a necessidade de uma solução imediata para “outros programas que estão angustiando a cidade”, entre eles a reforma e reativação de espaços como a Sala Funarte e a Casa do Teatro Amador.

O jornalista Geraldinho Vieira, que integrou a comissão formada pelo governador Joaquim Roriz durante o mandato-tampão para definir prioridades na política cultural — lembra que as propostas da comissão, encampadas no Plano de Ação de Fernando Lemos, foram rubricadas por Roriz como “promessas de campanha”. Por isso, segundo ele, “qualquer pessoa convidada pelo governador deve manter em andamento esse projeto e tentar aprimorá-lo”.

Entre as principais “promessas” ainda não cumpridas estão a conclusão das obras na 508 Sul e a reforma dos espaços culturais desativados no Plano Piloto e nas cidades-satélites. Geraldinho acredita que, para o sucesso de qualquer gestão, “o governador deve se comprometer a dar um pouco mais de força política à pasta”. Na sua avaliação, “mais do que qualquer outra, a área cultural tem uma importância que transcende os partidos políticos. Como é uma área que raramente rende votos, investir nela é uma ótima oportunidade de o governo mostrar que está trabalhando para a cidade, e não para a campanha eleitoral”. (A.R.)

ele seja indicado e aceite, pois é uma das pessoas mais sérias e diretas que já conheci. De minha parte, estou disposto a continuar colaborando, como sempre fiz”.

Problemas — Nenhum dos prováveis “candidatos” à vaga de Fernando Lemos tem dúvidas sobre a quantidade e a qualidade dos problemas que o novo secretário deverá enfrentar. “Seja quem for, terá muito trabalho pela frente”, afirma César Baiocchi, certo de que ninguém terá tempo e condições suficientes para implementar uma política cultural com uma nova identidade. “Talvez o ideal seja